

O derradeiro fim de Anastácia?

LÍVIA MARIA DA SILVA GONÇALVES*

Resumo: O artigo traz reflexões sobre os passivos contínuos e intermitentes do modelo de colonialidade instaurado num país considerado de economia periférica. Trata-se da perspectiva de uma mulher, negra, mãe, educadora e ativista de uma cidade cujo contingente de negros só é superado pelo continente africano. Conceitos como “sitiologia”, “interseccionalidade”, “memórias afetivas”, “subalternidade”, “ancestralidade”, “corpos negros”, “racismo estrutural”, dentre outros, são vislumbrados sob uma forma lúdica, ensejando uma leitura crítica imbuída da interculturalidade. A auto “escrevivência” aqui apresentada é considerada como uma das peças de um dossiê orgânico individual-coletivo. É um momento de “literacura”, mas espera-se principalmente que corrobore nos processos decoloniais.

Palavras-chave: Memórias Ancestrais; Corpos Negros; “Escrevivências”; Decolonialidade.

The ultimate end of Anastácia?

Abstract: The article brings reflections on the continuous and intermittent liabilities of the model of coloniality established in a country considered to be a peripheral economy. It is the perspective of a woman, black, mother, educator and activist from a city whose contingent of blacks is only surpassed by the African continent. Concepts such as “sitiology”, “intersectionality”, “affective memories”, “subalternity”, “ancestrality”, “black bodies”, “structural racism”, among others, are glimpsed in a playful way, giving rise to a critical reading imbued with interculturality. The self “escrevivência” presented here is considered as one of the pieces of an “individual-collective organic dossier. It is a moment of “literacure”, but it is mainly expected to corroborate the decolonial processes.

Key words: Ancestral Memories; Black Bodies; Escrevivências; Decoloniality.



* LÍVIA MARIA DA SILVA GONÇALVES é mestra pelo Programa em Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSat), Faculdade de Medicina da Bahia; professora aposentada do Instituto Federal da Bahia.

Introdução

*Estou aqui, mas Sou lá!
Saudades do A-linear
Ser, Liberdade, alegria
Navios-gaiolas-prisões,
Um só tom, uma cor.
Se houver resto,
Quis, apagou?*
(Lívia Okambi Tetembwa, 2020)

A “escrivência” (Conceição Evaristo, 2017)¹ proposta neste trabalho é resultante de pensamentos e sentimentos latentes de uma mulher, corpo negro, na Diáspora Africana,

¹ Há três insurgências no texto. A primeira remete à identificação de nome e sobrenome de mulheres e foram feitas observando o pensamento individual-coletivo que construíram a delimitação e marcação de um lugar de fala, possibilitando a nós, outras mulheres-irmãs e principalmente as que sofreram e sofrem e estão expostas às políticas de apagamento desde o projeto anticolonial associado aos povos indígenas e negro, a elaboração em conjunto de outras falas-saberes-compartilhamentos de reflexão e, quiçá, sirva como instrumento para uma transformação do cenário exposto no texto. A segunda ocorreu nas referências, nas quais essas mulheres foram registradas com seus nomes na íntegra, sendo tal fato uma reflexão que nos leve à promoção de uma rasura no campo das normas de formatação de textos no meio científico, em que a mulher e sua obra sejam vistas e não apenas citadas pelo sobrenome – que em nossa cultura, na maioria das vezes, apenas honra a ancestralidade paterna (masculina). A terceira se refere a dois homens que edificaram, com suas teorias e práxis, ferramentas de reflex(ação)-libertação e que comungaram numa construção melhor e mais igualitária de mundo. Mesmo assim, mantivemos os sobrenomes apenas, como de fato é assim exigido pela normatização. As insurgências supracitadas destacaram mulheres que tiveram um papel essencial na luta de gênero, dos povos considerados minorias e com estéticas de vida pautadas em edificar um projeto de construção social mais justa e equânime.

sujeita ao modelo da pós-modernidade que insiste em apregoar que os direitos e sua acessibilidade são iguais para toda uma sociedade planeada por uma lógica binomial e de supremacia unilateral ocidental.

O uso do termo corpo negro aqui ultrapassa a ideia de objetificação derivada da hegemonia excludente desde a época pré-colonial. Deste modo, ele é a integralidade creditada ao modo de vida africano. É a união de ancestrais, suas características e suas histórias, dentro de uma biologia transcendental.

O corpo negro é um microcosmo, um território repleto de ambientes, estando em um espaço que ultrapassa as linearidades temporal e histórica que lhe foram impostas. Assim, esse corpo é protagonista.

Aqui, neste tempo-espaço, ele deseja e quer ser protagonista, narrando outras histórias, pois grita, devido aos reclames e ditames da colonialidade, que o invadiram, transgrediram-no, violentaram-no de maneira transgeracional, desejando apagar o que não se encontra em seus parâmetros.

A fala de um corpo negro é a interação individual-coletivo concomitantemente, pois é um sistema exposto às mesmas condições.

Uma escrita desse corpo vibra potencialmente em seus pares, pois as memórias ancestrais que atravessaram forçadamente mares, guardaram em suas células, padrões profundos de dores. Escrever pode ser propedêutico para alguns ou ser um instrumento de “literacura” (Fernanda Sofio, 2015) para outros, como assim o é para mim.

Na elaboração dessa “escrivência”, percebi que o texto evoca, mesmo não os encontrando explicitamente em sua composição, conceitos, “memórias afetivas” e “ancestralidade” assinalados implicitamente e organicamente por Mãe Stella de *Òsòòsì* (Maria Stella Santos, 2006); “corpos negros” discutido por Viviane Fernandes e Maria Cecília de Souza (2014); o “o outro”, “subalternidade” e “sitiologia” trazidos por Giselle Ribeiro (2017); “lugar de fala” e “feminismo negro” debatidos por Djamila Ribeiro (2017); “racismo estrutural” e seus efeitos descortinados por Zelma Madeira e Daiane Gomes (2018) e “interseccionalidade” destacado por Carla Akotirene (2019), o que permite a busca e aprofundamento das teorias e pensares anti-hegemônicos, configurando-se em epistemes que ensejem a retirada da “máscara” e a demarcação da presença negra por séculos invisibilizada.

Destaca-se que a conformação desse trabalho não segue completamente o que é normalizado pelo campo da produção científica, pois resguarda sua performance estética original e a tipologia do gênero literário adotado.

Acredita-se que, como griô afrodescendente autonarrando o eu-coletivo, sob a ênfase de um referencial feminino brasileiro, escravizado, forçadamente “silenciado”, mas

insubmisso, possibilite essa palavra escrita ser uma forma de itinerário terapêutico ancestral e simultaneamente uma das potentes estratégias da e para a decolonialidade.

Abrindo o dossiê interno

Agora são 20 dias do isolamento social devido à Pandemia que assola o planeta. Uma amiga veio me trazer um kit básico e ela se preocupava por demais com o item mais procurado na época, a máscara. Neste mesmo instante, fomos assaltadas e, por um momento, a morte nos rondou. Um jovem, sem máscara, poderia ser um filho meu, mais um dos nossos jovens, logo pensei! Muitos dos que nos assistiam naquele momento, mascarados e inertes, trouxeram-me de pronto a imagem: Anastácia!

Chamo de Anastácia toda mulher que, como eu, nasceu em um país dito em desenvolvimento e que, sob os lúgubres meandros e sutilezas antológicas do desfazimento de memória ancestral e chega à meia idade se perguntando sobre sua origem, para onde vai, o que fez, muitas vezes não reconhecendo sua força. Há uma necessidade interna de pertencimento, de reencontros com meus alelos e paralelos, de gritar o que não sabe.

Olho para trás e tento unir o que me foi cortado. Tenho lembranças, sim; mas, às vezes, tenho medo de aprofundar. Será que é loucura? Meus DNAs espiritual e biológico, meus genótipos e fenótipos tropicais constituídos de aparentes nuvens e considerados anacrônicos pela verve ardente das contínuas metamorfoses inóspitas dos que ainda navegam, mas hoje, sobrevoam e pousam, coroados de satélites e mãos, os arranha-céus das mundiais decisões.

O que sou, o que falo, por mais que queira me desacorrentar, ainda é o fruto de um olhar e cerne do que a Elas e Eles lesaram, que com traumas emocionais profundos procuraram e se asseguraram no Invisível para dar conta de uma Individualidade quase cindida pela hipocrisia dita cristã.

Venho titubeando entre as paredes desse sistema que me encerram no dilema eterno de que estou sempre inadequada.

Vejo meu filho e é pura reprodução de um estrutural racismo que apodrece toda relação. Como ele se aceita? Como ele se vê? Como me percebe? Como vê e se porta ante os seus que foram historicamente relegados à profunda masmorra da desilusão, de desconstrução coletiva da esperança, da bonança, das vias rodopiantes da alegria e foram amnioticamente cooptados pelos entrelaçamentos paradoxais da escravização que roubou, ou ao menos tentou sequestrar, suas almas livres e exóticas da liberdade, da insubmissão? Sim, ele estudou nossas leis e segura sua vida na profissão destemida sob a lente das *Broken Windows*, a tal teoria associada aos princípios da moderna política criminal americana, e tão presente em nossas Instituições que trabalham com os conceitos de vigilância e segurança. O que será de nossas crianças e jovens nas periferias e zonas suburbanas?

Nasci nessa terra onde “em se plantando, tudo dá”, já dizia Camões, mas convivo com meus pares se deliciando no banzo regado ao combustível derivado da cana-de-açúcar, surras nos pretos, cigarro de palha, fumo de rolo, reza de velhos que deram suas vidas para um gel alcoolizado que seus descendentes não podem usufruir. Pandemias de lá e de cá

como pandeiros anversos de um sistema perverso a nos eliminar.

Em ruas de minha Cidade, massas moldadas e rotuladas em discrepâncias humanas reunidas a resíduos injetados pelos costumes exacerbados do que é fomentado para ser incluso no absurdo delem-delem da dita colonialidade.

Delem é tornar líquido, desfazer, apagar e que, em húngaro, vem a ser proteção. Assim sendo, o manual que estrutura, orquestra, organiza o pós-modernismo, que o assegura e simultaneamente nos dissolve, nos tornando uma sociedade exposta a um meio líquido podendo ser aquoso, amoniacal, dentre outros, conformando-a segundo os interesses de quem a manipula em uma solução ou a moldando como uma mistura homogênea. O sistema insiste que seja uma mistura homogênea ou solução, sem perceber que, quotidianamente, há íons diferentes em formas, tamanhos, cargas, polos, configurando reações, dissociações, verdadeiras riquezas de pluralidades químicas, radioativas ou não, mantendo as condições como normais de temperatura e pressão.

Na verdade, vive-se uma conjuntura míope e linear, sem respeito às diversidades, mantendo, assim, a humanidade como uma solução supersaturada. A Mão invisível tenta a todo custo manter o que a qualquer momento, com um mínimo movimento pode incorrer em uma desestabilização, descortinando a saturação, desmitificando a sua verdadeira composição e os devidos passivos e ativos globalizados de maneira desigual. Os riscos dessa modelagem são naturalizados e invisibilizados para a maioria do povo molecular; contudo, o capital gerado daquelas misturas,

dissociações e/ou reações é direcionado aos acionistas desse laboratório social.

Doenças antigas revelam peripécias malditas da sede eterna de poder para poder exterminar a Obra Prima divina multicolorida. Quanto maior a tonalidade para a dita sombra, incidência proposital de augúrios progressos, requintados sequiamente em represas e invisibilidades de aviltamentos teoremas, de (in) certezas epistêmicas, técnicas, tecnológicas e randômicas a se reformularem em cada natural estação. A sombra sempre na sombra. Quando deixa de ser sombra, último sopro de esperança de existência e sem identificação legislada, nada mais é; aliás, nunca parece que foi.

Beirar os rios do esgotamento de flexibilidade, fluidez dos instintos, servir e viver ao que é natural... Se é da sombra, animal, condenação mídia social. Tudo dependerá da quantidade de bits que surge na tela perceptual dos Olhos Águia, da Mão que decide, imperando a soberania de um (1) bit por pixel com profundidade indelével. Nesse processo dicromático, só um lado foi e é aceito.

Camaradas minhas e meus, o destino me prendeu na singeleza plural de um voo cronometrado em referenciais diatônicos daquela Escala. Quem a fez? Multi e inter, dualidade em que leilões de produtos ultrapassados tentam ultrajar o Bem Viver.

O horizonte me leva a pensar sobre o eterno norte da bússola. O que vem de lá? Quais são as realidades paralelas dos hemisférios? Quais ponteiros me levam como navios e lemes de uma matrix chamada globalização?

Volto para o interno, mas tudo interage, se interpenetra, vivendo histórias de

rejeições dentro do que chamo primeiro lar. Quem dará suporte para quem carrega outras vidas na vida? Aqui tem que ter a certeza ou ser esquizoide para compreender e aceitar a quase descendência na indecência de quem não tem quase nada para dar.

A vida é o maior presente. Mas, desde já, há pitonizações das mortalidades e prevalências neste lado do Equador, na potência sacerdotal do acre desvanecer, do ricochetear de elétrons lutando historicamente para lumiar a potência mantenedora das mitocôndrias. E no final, quem chega lá? Qual é a cor desse chegar? Quais as metodologias e técnicas desse alcançar? E o olhar de quem, parece que venceu o jogo de xadrez?

Parece que a única geometria sagrada é o quadrado. Sair, tornar circular, é diametralmente oposto ao escatológico pensado e dominado. O que não se encaixa é “tradicional”, já foi, é olvidado, lacrado e lançado em memórias nos oceanos e mares. É por isso que todo Encanto não pode ser visto e, quando é simbolizado, deve ser atacado, eliminado ou revisto e revisado.

Enquanto soa a orquestra ruminante de padrões constantes, eu me viro em cinquenta! Preciso me ajustar! Sibilo aos ventos uma salvação e subo as montanhas, mergulho na praia, danço nas ruas, mas o meu viver-pulsar-pensar me leva a dilaceramentos, rasuras e um querer reescrever a minha-nossa história, na qual, agora, tudo parou e simultaneamente caminha na mesma nota musical. Percebo que o quadrado às vezes muda de lado, tingem-no de qualquer jeito priorizando o vermelho e, assim, na fase escura, a trajetória continua como se não quisesse ver.

O som por aqui prepondera, lábios, cores sorriem, mas tudo é esquadrihado no diafragma do purismo de raízes diáfanas da retroação cega que quer brutalmente me possuir, me conduzir, me condenar por ser assim.

Sou Anastácia, não sei se sempre sim. Me calam, me adoecem e, no final, eu permito... Eu sou a responsável, compreendo tudo isto ou me fizeram sempre pensar e agir assim? Enfim, sei que sou também coletiva e que há um modelo de máscaras para me calar. Já nasci assim, protótipo. Classes sociais, quais? Sistemas de castas, as cascas de um velho proceder sempre no hoje e no porvir. Mas sou protegida pelo Grande Curinga, o Senhor *Èsù*², que sempre me diz: – Vim para as águas de cá, Anastácia, para sempre lhe lembrar que em suas veias corre o Sangue Sagrado da Insubmissão. Vai para as encruzilhadas da vida, mostra a energia potente das *Iyá*³ que regem sua vida, seu coração!

Tive que ser água e remodelar meu caminho. Encontrei reveses pareados ou estorvados na amplidão dos que brincam na e da soberania concedida pelo acúmulo.

Lamento agora não poder estar com todas as Anastácias dos países com infra e superestruturas vulneráveis. Ah! Como seria lindo e potente um grande encontro marcado em fórum mundial! Sim, Anastácias cansadas de tripla ou

mais jornadas, sem ter tempo de serem Mulher, plenas no seu Poder Feminino, sem nunca terem conhecido o mar, sem terem saído de seus bairros, de suas palhoças, expostas a venenos de todas as formas de relação consigo, com o outro e com o espaço que as define legal ou ilegal.

Anastácias cujas Rodovias Sanguíneas são historicamente propensas e marcadas por células falciformes, amparadas pela Eugenia sob outros moldes. O que nos foi legado neste branco patriarcado? Anastácias, é demais o multidiaspórico negro feminicídio!

Anastácias, mulheres que “escolhem” comer ou deixar viver os seus filhos com seu leite materno fortalecido talvez com um alimentar ao dia, ou simplesmente, o nada, e que, com a força mental supre seus caules de maneira fenomenal. Anastácias, sozinhas, salários sincronizados com a decodificação do único texto monarquicamente linear e aliado ao que reflete em sua tez. Mesmo chegando aonde não se deve, as *outlines*, as fora das normas e das curvas, sofrem com as marcas da inconsistência interna trazidas de lá de trás e assim, se não despertadas, reproduzem as células carcinomiais das excrescências duais de serem borboletas ou então de se apropriarem da difração da essência e da aparente origem.

A transitoriedade permite refletir sobre as Anastácias que tentam burlar o sistema ou se embrenham intensamente em suas vicissitudes tentando apagar suas nebulosas interrogações do surgir, do existir num local onde a maioria, sem o devido aparato, luta bravamente para cumprir seu papel social, podendo, muitas vezes, mergulhar nos

² Conforme a perspectiva das religiões de matrizes afro-diaspóricas, é o *Òrìṣà* primevo, componente essencial da procriação e da manutenção da vida; aquele que nos apresenta os caminhos, as escolhas, a Energia Protetora, O que abre os caminhos para consecução dos ideais. Pai da Comunicação.

³ Mãe na Língua *Yorùbá*. Refere-se ao Poder Feminino Ancestral e às divindades femininas cultuadas em África e em sua diáspora.

pseudomágicos químicos, agentes criados, que aparentemente camuflam, cromatizam, refratam e/ou amortecem as imagens, sejam instantâneas ou contínuas de uma realidade, tentando encobrir uma eterna insatisfação. A anestesia e amnésia são, invisivelmente, vias semeadas, ocultando os corpos de dor. As causas e os passivos serão sempre lançados mais uma vez em seus úteros defeituosos ou amedrontados (querem que acreditemos nesta aberração!) e a retroalimentação desses processos instigados como equívocos individuais e internos aumentam o capital do cume da pirâmide, deixando como herança o inaudito e eterno ceifar das vidas das Anastácias, suas filhas e filhos, sempre subnotificados, pois sendo inadequados, são vistos como mais um dano e prejuízo para a dinâmica gananciosa e paradoxal de quem planejou, estruturou e já ganhou com tudo isto e quer mais para a cega e aviltada sociedade e os aparelhos estatais.

Anastácias, que por amor se deixam ser lesadas, tornam-se prisioneiras de maneira exponencial. Desistem de si, Amnésias letais, cárceres repletos de desafetadas, desrespeitadas, invadidas, desiludidas, debeladas como um nada no quadrado chamado desenvolvimento sustentável.

Qual o tipo de seu aprisionamento, Anastácia? O aquário colocado tem que ruir! Colocaram nele ligas de aço para não oxidar, o que para nós já é bagaço de todas as nossas eternas gestações. A visão global é sutilmente distorcida para pensar que de nossas barrigas só saem vidas mirradas pelos processos da subalternidade, muito bem nutridos pela radioatividade ideológica da opressão, exclusão, hierarquia hemisferial, poder de dominação dos geoprocessamentos

de mapas e conflitos de quem maior é e se encontra no multiculturalismo e, assim, os frutos dos nossos acasalamentos por aqui são considerados simplesmente resultados de interações entre animais, bárbaros, que só nasceram para os servir.

Os camaleões sociais nos distraem e constroem redes de segmentação em e entre nós. Violências são adubadas nos jardins capitalistas e ainda somos forçadas a regá-los para nossos amores encontrarem que a razão de seus dissabores é fruto do conosco viver, conviver com Anastácias que como Lilith foram retiradas do Éden por mostrarem que se pode viver e ser diferente e isto é muito perigoso!

Anastácias, nos conclamo a sairmos da ilusão de que não experienciar evita o tormento, pois tudo no Quadro Planejado até parece que “pensamos” na solidude. Não é porque somos mais, que estamos menos e ficamos mais subtraídas para o todo. Escolher a caverna é algo que deve ser realmente muito bem ponderado, visto pelas lentes da alma que voou nas asas do não julgamento, da compaixão, da autoaceitação, dos acordes centrais do autoconhecimento.

Sou uma Anastácia que às vezes me vejo largada na discrepância de um pensamento insano da desesperança, ou de que estou ficando velha, de não conseguir meus ideais, com medo de abandono, de não ter mais o vigor de correr, de resolver o mínimo requerido em nossa sociedade para pensarmos que somos independentes, temor de não ter o funcionamento adequado orgânico para fazer atividades prazerosas. Me pego muitas vezes não querendo ver minha imagem no espelho.

Um Alzheimer para tanta história, um câncer, um diabetes, uma drogação alcoólica ou de qualquer outra dimensão, uma depressão, desnutrição, anemia falciforme, tuberculose... O que meu sistema imunológico vai permitir eu experimentar? O Invisível já promoveu muitos desequilíbrios que se tornaram inerentes à cor, culturas. O que não quero mais suportar? Minhas células gritam!

Eu, uma Anastácia!

Apareci aqui onde há uma lenda de que nesse país não há nada disto, tudo é quimicamente uma solução, mistura homogênea tal, que ainda em pleno século 21, a exclusão de meu DNA Ancestral me deixa à porta, tentando disputar e desfrutar de um prato singelo e quase inacessível daquilo que se denomina Direitos Humanos.

Mesmo assim, sou Anastácia que desejo ser o melhor que possa oferecer para sair do quadrado. Me busco profundamente, não é fácil! Há dias que sou o máximo e outros que me considero um nada. Na verdade, outro dia me peguei com maior temor de viver do que de falecer...! Esquento o meu ser com os doces quitutes de todo o Banquete Ancestral e, dessa forma, me fortaleço para ser Revolução.

O derradeiro fim de Anastácia? Anastácia significando a ressurreição, faz lembrar de que todos os dias morremos, até porque dormimos e acordamos, ontem não é hoje, mudamos quando nos aprofundamos, quando nos relacionamos.

Na minha fé, não ressuscito, eu volto, sou *Tundé*⁴! Venho sempre transpondo a muralha engendrada das disparidades

sociais! Sou Luiza Mahin, sou Maria Bibiana do Espírito Santo (Mãe Senhora), Sou Maria Escolástica da Conceição Nazaré (Mãe Menininha do Gantois), sou Maria de Lourdes da Silva (minha mãe), sou a catadora de resíduos sólidos, sou a doméstica invisível, sou a médica, sou a atriz, sou a artista, sou a pesquisadora, sou a terapeuta, sou a profissional do sexo, sou a agricultora, sou a gestora, sou a favelada, sou a caipira, sou a sertaneja, sou a técnica de saúde, sou a educadora, sou a mulher multifacetada! Mosaico mascarado levando em cada célula, cada átomo, uma história construída nas dores e prazeres de ser, de querer ser! Posso ser!

Sou Submissa? Execrável? Invisível ou expectadora auto coletividade letal? Para mim, Anastácia que sou, signifique renascimento diário com quedas e ápices e movimentos retilíneos constantes. Por aqui, em meio às condições já implementadas e com lutas diariamente vivenciadas, procuramos moldar outras formas no quadrado enrijecido, nos preparamos para largar a mordança, pois sei que a mulher tem a força de mesmo morrendo, deixar vivo e reviver também por sua história, outras Anastácias e suas filhas e filhos.

Agora, somos apenas Máscaras! Nossos descendentes também! A Mordança imposta eu lasco com dentes e braços fortes! Os olhos livres, abertos e criticamente atentos, coração seguro, fazendo o “Teatro das Oprimidas” (Bárbara Santos, 2019). Vida, um palco de possibilidades de desoprimir o histórico cruelmente e desumanamente estruturado.

A poética de Anastácia exige um autoconhecer e do gingar corpóreo de e em todas as suas dimensões.

⁴ “Aquela (e) que retornou” no idioma *Yorùbá*.

Reflex(ações) de e para um novo Sul na plataforma do *Sankofa*, esse retorno ao passado para trazer pérolas e direções auspiciosas do Oráculo Ancestralidade.

É imprescindível a união peptídica dos pares que assistem e vivem em sua pele a naturalização das desigualdades sob o pensamento sutilmente e profundamente incutido de que sofrer para o céu tudo vale e, deste modo, despertarem para a peça e cenários da concessão estratégica e considerada bondosa das migalhas já utilizadas pela política ocidental antiga, “pão e circo”, que submetem os líquidos sagrados, sangue e as lágrimas das Anastácias e de seus frutos. à não protagonização de suas próprias vidas e vontades.

Honro, lembro, conclamo a manifestação da Anastácia desmascarada, desmordaçada, libertada e em liberdade que há em mim e você! Aí sim, vale a pena dizer que nessa terra, “em tudo se plantando, tudo dá”!

Eu, Anastácia, quero e vou lutar para que o *U-buntu*⁵ seja uma realidade nessas paragens e, assim, tornar verdadeiramente esta terra chamada inicialmente por *Brasilis* no palco natural, onde todas e todos, espectatrizes e espectatores (Boal, 1991) se apresentem e vivam o sonhado texto constitucional da equidade social.

⁵ Princípio ético-filosófico africano das sociedades *Bantu* cuja essência pode ser traduzida como “Eu somos nós”. O conceito traz a ideia de que eu e a coletividade são uma unidade. A humanidade é uma família. Com isto, o meu eu u-buntizado sabe o que o outro sente quando é oprimido, marginalizado, respeitado, reconhecido. Desperta a Consciência de que sou e estou no outro (s) e eles em mim. É a relação de fato sustentável com os ambientes natural, construído, de trabalho e cultural. E isto sempre em construção.

Anastácia, Eu, você, de uma raiz ancestral!

Considerações provisórias

A tessitura do texto permite perceber a bricolagem entre os conflitos internos e externos de quem faz uma “escrevivência” negra e a torna um caminho terapêutico, já que a colonialidade posta, elabora permanentemente estratégias de invisibilidade de tudo o que não lhe interessa ou não se encontra dentro de seus moldes. Isto exige formas de manter minimamente a saúde integral para poder ressignificar uma existência historicamente “apagada” por tempos.

Mas por outro lado, percebendo-a como uma das estratégias decoloniais, permite sobre e abrir a ferida do racismo estrutural e suas vertentes, o que vai diretamente de encontro à agenda neoliberal nesse país, que quer nos fazer ideologicamente acreditar na presença de uma democracia racial, silenciando qualquer ato de insubmissão ou suspeita do contrário.

“O derradeiro fim de Anastácia?” nos leva a refletir sobre a necessidade de construir novas configurações de modelos econômicos e de crescimento, políticos, sob novas filosofias, epistemes, métodos e tecnologias sob a interculturalidade (crítica), tendo como um dos objetivos a elaboração de uma agenda associada à caracterização e destrinchamento dos projetos necropolíticos de caráter inter-multi-transdisciplinar que nos estruturam bem como à sua dissolução e reparação. Corpos negros femininos devem ser uma das pautas de destaque nesse processo.

A Amefricanidade orquestrada por Lélia Gonzalez (1988), o Teatro das

Oprimidas desenvolvido por Bárbara Santos; o Quilombismo sugerido por Nascimento (2002); a Afrocentricidade aprofundada e fortalecida por Ama Mazama (2009) e a *Irê Ayó*, tratada por Vanda Machado (2019) são um bom início de discussão para viver uma sociedade mais equânime.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Rev. Inst. Estud. Bras.** São Paulo, n. 63, p. 103-120, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0020-38742016000100103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 maio 2020.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, 1988. Disponível em: <<https://institutoodara.org.br/wp-content/uploads/2019/09/a-categoria-politico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2020.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayo: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo**. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n133/0101-](https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n133/0101-6628-sssoc-133-0463.pdf)

6628-sssoc-133-0463.pdf >. Acesso em: 26 maio 2020.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 111-128.

MBANDI, Nzinga (Dayane Nayara Conceição de Assis). **Corpos negros e representação social no Brasil: uma discussão de gênero e raça**. **Revista da ABPN**, v. 9, n. 21, p.123-134, 2017. Disponível em: <[file:///C:/Users/Livia/Downloads/231-1-491-1-10-20170310%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Livia/Downloads/231-1-491-1-10-20170310%20(2).pdf)>. Acesso em: 26 maio 2020.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002. Disponível em:<www.abdias.com.br/movimentonegro/quilombismo.htm>. Acesso em: 23 mar 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Pólen, 2017.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. **Subalternidades em perspectiva teórica: pela descolonização dos estudos literários**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Ôsôsi: O Caçador de Alegrias**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas: estéticas feministas para poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SOFIO, Fernanda. **Literacura: Psicanálise como forma literária**. São Paulo: UNIFESP, 2015.

TETEMBWA, Livia Okambi (Livia Maria da Silva Gonçalves). Poema **“Endo-exo-travessia”**. Salvador, Bahia: 14 maio 2020.

Recebido em 2020-06-06
Publicado em 2021-01-01